

CÍCERO, *DO ORADOR* 1.1-23<sup>1</sup>Adriano Scatolin<sup>2</sup>

**RESUMO:** O trecho traduzido divide-se em três seções: 1.1-5 estabelece Quinto Cícero como o destinatário da obra e apresenta as circunstâncias que teriam movido Cícero a escrevê-la; 1.6-20 descreve as dificuldades de se atingir a eloquência e a escassez de grandes oradores ao longo da história, por contraposição ao que acontece nas demais artes; 1.21-23 define o tema do diálogo e o situa na tradição retórica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cícero, *Do orador*, retórica, oratória, eloquência

**ABSTRACT:** The passage selected is divided into three sections: 1.1-5 establishes Quintus Cicero as the work's addressee and presents the circumstances surrounding its writing; 1.6-20 describes the difficulties of reaching eloquence and the scarcity of great orators throughout history, as opposed to what happens in other arts; 1.21-23 sets out the dialogue's theme and places it within the rhetorical tradition.

**KEYWORDS:** Cicero, *De oratore*, rhetoric, oratory, eloquence

1. Refletindo inúmeras vezes e rememorando os tempos antigos, Quinto, meu irmão, costumam parecer-me extremamente ditosos aqueles homens que, no apogeu da República<sup>3</sup>, ao se distinguirem tanto pelas honrarias como pela glória de seus

---

<sup>1</sup> Texto de base para a tradução: Kumaniecki 1969. Todas as datas referidas nas notas são a. C. A convenção das abreviações das obras antigas seguida é a do *Oxford Latin Dictionary*. O tradutor agradece Marlene Lessa Vergílio Borges pela revisão cuidadosa do texto e pelos inúmeros comentários e sugestões.

<sup>2</sup> Professor de Língua e Literatura Latina na Universidade de São Paulo.

<sup>3</sup> Merklin 2006: 599, n. 1 aponta o período de tal apogeu como o intervalo entre o início da República, em 510, e as reformas dos irmãos Tibério e Gaio Graco, de 133 a 121. Cf. *Ac.* 2. 15 e a fala de Cévola, em *de Orat.* 1. 38: "Quanto a mim, se quisesse me servir de exemplos de nossa cidade ou das demais, poderia mencionar mais prejuízos do que vantagens causados à situação política pelos oradores mais eloquentes. Porém, [...] os mais eloquentes que tive oportunidade de ouvir foram Tibério e Gaio Semprônio, cujo pai, homem prudente e austero, nem um pouco eloquente, salvou a República em diversas ocasiões, e sobretudo quando censor. Ora, não foi pela riqueza elaborada do discurso que ele transferiu os libertos para as tribos urbanas, mas por um gesto e uma palavra. Se não o tivesse feito, a República, que hoje em dia mal conseguimos manter, há muito não estaria em nossas mãos. Por outro lado, quando seus filhos, homens expressivos e preparados para discursar por todos os recursos concedidos pela natureza ou pela formação teórica, receberam em mãos a *Cidade em seu apogeu* (fosse pela prudência do pai, fosse pelas armas dos ancestrais), arruinaram a República com sua eloquência [...]" (itálico nosso).

feitos<sup>4</sup>, conseguiram manter o curso de suas vidas de modo a permanecerem ativos sem perigo ou inativos com dignidade<sup>5</sup>. E houve uma época em que acreditava que também eu teria o direito — e que quase todos concordariam — de passar a ter descanso e a voltar novamente minha atenção para aqueles nossos ilustres estudos<sup>6</sup>, uma vez cessados o infinito trabalho nas atividades do fórum<sup>7</sup> e a ocupação com as candidaturas, com o encerramento da carreira pública<sup>8</sup> e o declinar da idade<sup>9</sup>. 2. Tal esperança, nutrida em minhas reflexões e em meus planos, foi frustrada não apenas pelas graves desventuras das circunstâncias gerais, mas também pelas diversas outras que se abateram sobre mim. De fato, no exato momento que seria, a julgar pelas aparências, o mais pleno de repouso e tranquilidade, sobrevieram os mais pesados fardos de inquietação e as mais turbulentas tempestades; nem me foi concedido, embora fosse meu desejo e aspiração, desfrutar do ócio para praticar e cultivar novamente, junto contigo, aquelas artes a que eu e tu nos dedicamos desde meninos. 3. Efetivamente, quando jovem, deparei-me com a perturbação da antiga ordem<sup>10</sup>, e, em meu consulado, cheguei ao centro da dissensão e da crise reinantes em toda a conjuntura<sup>11</sup>; e, durante todo esse tempo após o consulado, lancei-me contra os vagalhões que, desviados por mim do que seria a ruína geral, recaíram sobre mim mesmo<sup>12</sup>. No entanto, seja em meio a tais adversidades da situação, seja em meio a tal

---

<sup>4</sup> *Honoribus* (“honrarias”, mas também “cargos públicos”) diz respeito à carreira política, *rerum gestarum* (“feitos”), à carreira militar. Embora se tivesse destacado na primeira, Cícero, à época da escrita do *De oratore*, carecia da segunda (alguns anos depois, quando procônsul da Cilícia, em 51-50, o Arpinate teria sua primeira e única experiência como *dux* à frente de um exército). Para suprir tal necessidade, tentara construir a persona do *dux togatus*, “comandante de toga”, para se referir a sua participação no combate à Conjuração de Catilina. Análise e referências em May 1988: 56-58.

<sup>5</sup> *In otio cum dignitate* (“inativos com dignidade”) é combinação que aparece mais de uma vez na obra de Cícero, com sentidos diversos em função da polissemia dos dois termos. Wirszubski 1968 sistematiza de maneira convincente as ocorrências e seus diferentes matizes. No contexto desta passagem, *otium* refere-se à retirada não forçada da vida pública, e *dignitas* à posição e ao prestígio do estadista decorrentes de sua carreira.

<sup>6</sup> Referência aos estudos de retórica e filosofia, realizados, na juventude dos irmãos Quinto e Marco, em Roma, Atenas, Rodes e na Ásia Menor. Cf. *Brut.* 306-316.

<sup>7</sup> *Forensium rerum labor* (“trabalho nas atividades do fórum” ou “públicas”) remete à atividade oratória de Cícero, particularmente como defensor.

<sup>8</sup> Em 63, 8 anos antes da escrita do *De oratore*, Cícero já atingira o ápice do *cursus honorum*, com o consulado. Por iniciativa de Hortênsio, seria cooptado, em 53, para o Colégio dos Áugures. Em 51-50, como apontado acima, governaria a Cilícia como procônsul.

<sup>9</sup> Contando 51 anos à época da escrita do *De oratore*, Cícero já se encaminhava para a velhice, pelos padrões da Antiguidade. Meros 11 anos depois ele retrata a si mesmo, bem como a Ático, como próximos da velhice em *Sen.* 2.

<sup>10</sup> Com a Guerra Social (91—89) e a Guerra Civil (88-82), que cobrem um período que vai dos 15 aos 24 anos do Arpinate.

<sup>11</sup> Alusão à chamada Conjuração de Catilina.

<sup>12</sup> Durante os dezoito meses de exílio, de março de 58 a setembro de 57. *A communi peste* (“do que seria a ruína geral”), é um breve aceno a um tópico frequente nos chamados discursos *post reditum* de Cícero: a ideia de que Cícero não fugira de Roma para o exílio sem mesmo ter aguardado um julgamento, mas deixara deliberadamente a Urbe a fim de evitar o banho de sangue que adviria do enfrentamento com Clódio e seus correligionários.

falta de tempo, ocupar-me-ei de nossos estudos, e o quanto a perfídia dos inimigos, a causa dos amigos ou a República concederem-me de ócio, eu o dedicarei sobretudo a escrever<sup>13</sup>.

4. Quanto a ti, meu irmão, não deixarei de atender a tuas exortações e pedidos, pois nem pela autoridade pode alguém ter mais influência sobre mim, nem pela vontade<sup>14</sup>. E devo reavivar uma antiga lembrança, não muito nítida, é certo<sup>15</sup>, mas adequada, segundo penso, àquilo que me solicitas — saber o que os mais eloquentes e ilustres de todos os homens pensavam acerca da doutrina oratória como um todo. 5. Ora, como me disseste várias vezes, pretendes, pelo fato de os escritos que escaparam incompletos e grosseiros de meus apontamentos<sup>16</sup>, quando era menino ou, antes, adolescente, mal serem dignos desta minha idade e desta experiência, granjeada em tantas e tão importantes causas defendidas, que publique algo mais refinado e acabado acerca do mesmo tema<sup>17</sup>. E costumavas por vezes discordar de mim sobre o assunto em nossas discussões, porque eu afirmo que a eloquência depende dos conhecimentos teóricos dos homens mais instruídos, ao passo que tu julgas que ela deva ser apartada do refinamento da cultura e confiada a determinado tipo de talento e prática<sup>18</sup>.

6. Quanto a mim, atentando inúmeras vezes aos homens eminentes e dotados de eminente talento, pareceu-me apropriado perguntar o motivo de terem existido mais pessoas dignas de admiração em todas as outras artes do que na oratória. De fato, para onde quer que voltes a atenção e o pensamento, verás inúmeros homens excelentes em cada uma das espécies de disciplinas — e não as de pouca monta, mas as que são, de certa maneira, as mais importantes. 7. Realmente, quem não há de preferir o general

---

<sup>13</sup> Cícero faz aqui uso, pela primeira vez, daquele que se tornará um lugar-comum dos prefácios de suas obras retóricas e filosóficas: a ideia de que a dedicação à escrita só pode ter lugar quando os deveres de homem público o permitem. Esse ideal também será projetado sobre as personagens do *De oratore* (cf. 1. 24: *ludorum Romanorum diebus*, "nos dias dos jogos romanos") e as circunstâncias e personagens de seus futuros diálogos (cf., por exemplo, *Rep.* 1. 14 (*feriis Latinis*, "nos festivais latinos"), de 54, e *N. D.* 1.15: *feriis Latinis*; 2.3 (*otiosi sumus*: "estamos livres"), de 45-44). Referências e sistematização em Levine 1958: 147.

<sup>14</sup> Também este se tornará um lugar-comum dos prefácios ciceronianos: o atendimento ao pedido do destinatário. Cf., por exemplo, *Orat.* 1 e, em variação engenhosa inserida já no diálogo (em lugar de o autor fazer menção aos pedidos do destinatário, como é mais usual, o personagem Ático faz o pedido diretamente ao personagem Cícero, já no diálogo), *Brut.* 19-20.

<sup>15</sup> Com *non sane satis explicata* ["não muito nítida, é certo"], Cícero faz um aceno lúdico ao caráter fictício do diálogo.

<sup>16</sup> Trata-se do *De inventione*, manual de retórica em dois livros deixado incompleto pelo autor, de datação incerta. Achard 2002: 7, o editor mais recente da obra, estima que a data provável encontre-se no biênio 84-83, quando Cícero contava entre 18 e 19 anos.

<sup>17</sup> Em 55, Cícero, em mais de 25 anos de atuação como orador, já havia defendido causas e proferido discursos importantes e de grande repercussão, como a *Defesa de Sexto Róscio de Améria*, em 80, as *Verrinas*, em 70, e as *Catilinárias*, em 63. Este é o primeiro dos vários espelhamentos que se observarão ao longo da obra, uma vez que a experiência e a consagração como orador são traços que o Arpinate divide com os protagonistas do diálogo, Crasso e Antônio.

<sup>18</sup> A discordância de posições entre Marco Cícero, mais idealista, e Quinto Cícero, mais pragmático, será de certa forma espelhada ao longo do diálogo, sobretudo no livro 1, respectivamente na postura de Crasso e Antônio.

ao orador, caso queira medir o conhecimento dos homens ilustres pela utilidade ou grandeza de seus feitos? E quem há de pôr em dúvida que, desta única cidade, podemos citar um quase sem-número de comandantes de guerra extremamente distintos, mas quase ninguém excelente na oratória? 8. Ademais, houve, em nossa época, muitos homens capazes de governar e conduzir o leme da República com discernimento e sabedoria, muitos mais na de nossos pais e mais ainda na de nossos antepassados, enquanto não se encontrou, durante muito tempo, um único orador bom, e quase nenhum tolerável a cada geração<sup>19</sup>. No entanto, se acaso alguém considerar mais cabível comparar a doutrina oratória a outros estudos, relativos a artes mais abstrusas e a certa multiplicidade de leituras, do que ao mérito de um comandante ou à prudência de um senador honesto, que volte sua atenção precisamente para tais tipos de atividades e repare que homens, e quantos, nela floresceram. Dessa forma, poderá julgar com extrema facilidade quão grande é e sempre foi a escassez de oradores.

9. Não ignoras, com efeito, que os mais doutos consideram aquela que os gregos denominam *philosophía* a procriadora, por assim dizer, e como que a mãe de todas as artes dignas de louvor. Em seu âmbito, é difícil enumerar quantos homens houve de tamanho saber e tamanha variedade e riqueza em seus estudos, que não trabalharam isoladamente sobre um único tema, mas abarcaram todos, quaisquer que fossem, pela investigação científica ou pela dialética. 10. Quem desconhece como são obscuros os temas, como é abstrusa, vasta e precisa a arte a que se dedicam os chamados matemáticos? No entanto, houve tantos homens consumados nesse grupo, que se tem a impressão de que ninguém se dedicou com muito afincado a essa ciência sem conseguir aquilo que pretendia. Quem se dedicou a fundo à música ou a este estudo das letras atualmente em voga, de que os chamados professores de letras<sup>20</sup> fazem profissão, sem abarcar em sua totalidade, por conhecimento e reflexão, a gama quase infinita de matérias de tais artes? 11. Parece-me que estarei correto em dizer que, de todos aqueles que se ocupam dos tão nobres estudos e doutrinas dessas artes, houve um número ínfimo de grandes poetas. Porém, considerando esse número mesmo, em que muito raro surge alguém excelente, ainda que queiramos tomar a grande quantidade de romanos e de gregos para uma comparação cuidadosa, encontraremos muito menos bons oradores do que poetas. 12. Isso deve parecer ainda mais extraordinário pelo fato de os estudos das demais artes beberem de fontes quase sempre recônditas e ocultas, enquanto toda a doutrina oratória, ao alcance de todos, diz respeito a uma prática bastante geral, bem como aos costumes e à linguagem comum dos homens, de modo que, nas demais artes, sobressai-se particularmente aquele que se encontra mais

---

<sup>19</sup> Como o objetivo do raciocínio desta parte do prefácio é exaltar a grandeza da oratória e a dificuldade de os oradores tornarem-se eloquentes, Cícero adota uma posição mais idealista em relação às exigências para se chegar a tal patamar. No *Brutus*, em contrapartida, obra mais próxima do gênero histórico, Cícero adotará a posição inversa, valorizando os muitos oradores que aborda de maneira mais relativa e admitindo padrões e exigências diversos para épocas diversas.

<sup>20</sup> Assim traduzimos o *grammatici* do original. O *grammaticus* não era um gramático como entendemos modernamente, ou seja, um professor especializado em gramática, mas, a um só tempo, um professor de língua, letras e interpretação de textos. Como bem observam Leeman e Pinkster 1981: 47 *ad locum*, *studium litterarum* (“estudo das letras”) é a tradução em latim de *grammatiké*.

distante do entendimento e da percepção dos leigos, ao passo que, na oratória, o maior dos defeitos é apartar-se da maneira usual de falar e da praxe do senso comum<sup>21</sup>. 13. E nem mesmo é possível encontrar justificativa para afirmar que mais pessoas consagram-se às demais artes, ou que são movidas a dominá-las por um prazer maior, ou por mais ricas esperanças, ou por recompensas mais magníficas. De fato, deixando de lado a Grécia, que sempre pretendeu ser a primeira em eloquência, bem como a ilustre inventora de todas as doutrinas, Atenas, onde o mais elevado poder oratório foi não apenas inventado, como também consumado, é evidente que aqui, nesta cidade mesmo, nenhum estudo jamais floresceu com tamanha força como a eloquência. 14. Depois que se estabeleceu o domínio sobre todos os povos e o longo período sem guerras consolidou a paz<sup>22</sup>, quase nenhum jovem desejoso de glória deixou de considerar que devesse dedicar-se à oratória com todo o empenho. Num primeiro momento, desconhecedores de qualquer tipo de teoria, aqueles que pensavam não haver qualquer método de exercícios ou qualquer preceito de arte chegavam aonde podiam pelo talento e pela reflexão. Depois, quando ouviram os oradores gregos, conheceram os seus escritos e empregaram os seus mestres, nossos conterrâneos inflamaram-se de um desejo absolutamente incrível de aprender. 15. Incitava-os a magnitude, bem como a variedade e o grande número de causas de toda espécie, de modo que, à teoria alcançada pelo estudo de cada um, somava-se a prática frequente, que superava os preceitos de todos os mestres<sup>23</sup>. Para tal estudo eram oferecidas, como hoje em dia, as maiores recompensas concernentes à influência, às riquezas ou ao prestígio<sup>24</sup>. Quanto ao talento, segundo podemos julgar por muitos indícios, o de nossos conterrâneos superava em muito o dos demais representantes de todos os povos. 16. Isso posto, quem não se há de admirar, e com razão, pelo fato de encontrar-se, em todo o registro de gerações, épocas e cidades, tão exíguo número de oradores?

Ora, não há dúvida de que essa é uma atividade mais grandiosa do que as pessoas creem, e composta de várias artes e ramos de estudo<sup>25</sup>. Quem, considerando o número enorme de aprendizes, a extraordinária abundância de mestres, os eminentíssimos talentos dos homens, a infinita variedade das causas, as magníficas recompensas oferecidas à eloquência, há de julgar haver outra causa, senão a incrível magnitude e dificuldade dessa arte? 17. Realmente, é preciso adquirir o conhecimento de inúmeros

---

<sup>21</sup> Em virtude da adequação do orador a seu público e às expectativas deste não apenas em relação ao que diz, mas também ao como diz.

<sup>22</sup> O “longo período sem guerras” começou em 146, com o fim da Terceira Guerra Púnica.

<sup>23</sup> Movimento que se observará encenado no diálogo, em que Crasso e Antônio demonstrarão ter assimilado a teoria de origem grega e tê-la superado pela prática e pela reflexão sobre a prática. Isso fica particularmente evidente no resumo e na resenha que Crasso (1. 137-145) e Antônio (2. 77-83) fazem, respectivamente, dos manuais de retórica.

<sup>24</sup> O próprio Cícero é o exemplo por excelência de ascensão social, política e, indiretamente, econômica (já que não era permitido pagar um patrono pelos serviços prestados) decorrente de sua prática oratória.

<sup>25</sup> Em sua versão mais completa, as exigências de Cícero (e, espelhadas no diálogo, as de Crasso) para a oratória contemplam o conhecimento de história, direito e filosofia, além, é claro, dos muitos aspectos da doutrina retórica, alguns deles pouco desenvolvidos na tradição, como o estudo das emoções do público e o funcionamento do humor.

assuntos, sem o qual o fluxo de palavras é vazio e risível<sup>26</sup>, e o próprio discurso deve ser moldado não apenas pela escolha, como também pelo arranjo das palavras, e todas as emoções que a natureza atribuiu ao gênero humano devem ser minuciosamente conhecidas, porque todo o poder e todo o propósito da oratória devem ser manifestados acalmando-se ou incitando-se as mentes dos ouvintes. É necessário que se somem a isso certo encanto, alguns gracejos e uma cultura digna de um homem livre, bem como rapidez e concisão tanto ao retrucar como ao atacar, acrescida de refinada graça e urbanidade. 18. Ademais, é preciso ter o domínio de toda a história antiga e de um bom número de precedentes, e não se deve negligenciar o conhecimento das leis e do direito civil. Ora, para que me alongar sobre a própria atuação, que deve ser regulada pelo movimento corporal, pela gesticulação, pela expressão facial, pela inflexão e variação da voz? A importância que ela tem sozinha, por si mesma, é indicada pela insignificante arte dos atores e pelo palco, onde, apesar de todos esforçarem-se por controlar a fisionomia, a voz, os movimentos, quem ignora quão poucos há e houve a que suportemos assistir? O que dizer do repositório de todas as coisas, a memória? Cremos que, a não ser que ela seja usada como guardiã dos temas e palavras descobertos e pensados, todos os demais elementos, ainda que absolutamente esplêndidos num orador, acabarão por se arruinar. 19. Por essa razão, deixemos de nos perguntar com espanto o motivo da escassez de oradores eloquentes, uma vez que a eloquência é constituída de todos aqueles elementos em que já é bastante notável aperfeiçoar-se isoladamente, e exortemos antes nossos filhos e os demais cuja glória e prestígio nos são caros<sup>27</sup> a tomarem consciência da grandeza da eloquência, e a não confiarem na possibilidade de atingir o que esperam por meio dos preceitos, mestres ou exercícios de que todos se servem, mas por meio de outros recursos<sup>28</sup>. 20. E, pelo menos na minha opinião, nenhum orador poderá ser coberto de toda a glória se não alcançar o conhecimento de todos os grandes temas e artes. Efetivamente, é preciso que o discurso floresça e se torne exuberante pelo conhecimento dos temas. A não ser que, sob a superfície, estejam o entendimento e o conhecimento do tema por parte do orador, ele terá uma elocução vazia e quase pueril.

21. Mas não imporei aos oradores nossos conterrâneos, imersos em tamanha ocupação com a vida na Cidade, o fardo imenso de considerar que não lhes é permitido desconhecer nada, embora o conceito de orador e o próprio fato de que alega discursar bem pareçam uma admissão e uma promessa de que ele é capaz de discursar de

---

<sup>26</sup> Introdução do tema fundamental exposto por Crasso no livro 3: a inseparabilidade entre *res* e *verba*. Cf. 1. 20, abaixo, e 3. 19.

<sup>27</sup> Em famosa carta a Lêntulo Espínter (*Fam.* 1. 9. 23), de 54, Cícero comenta a recente “publicação” do *De oratore*, acrescentando que a obra não deixará de ter utilidade ao filho daquele: “[...] escrevi, então, à maneira aristotélica [...], três livros *Do orador* em forma de discussão dialógica. Creio que eles não serão inúteis a seu [filho] Lêntulo, pois afastam-se dos preceitos comuns e contemplam toda a doutrina oratória dos antigos, tanto a de Aristóteles como a de Isócrates.”

<sup>28</sup> Tais “outros recursos” (*aliis quibusdam*), como, por exemplo, a discussão sobre o conhecimento de direito (1. 166-203), o uso do caráter (2. 182-184), das emoções (2. 185-211; o caráter e as emoções são tratados conjuntamente em 2. 211-216) e do riso (2. 216-290) configuram, em boa parte, o objeto de discussão do *De oratore*.

maneira ornada e copiosa acerca de todo e qualquer tema proposto. 22. Porém, por não duvidar que à maioria isso possa parecer uma tarefa gigantesca e infinita, e percebendo que os gregos, ricos não apenas em talento e saber, mas também em ócio e estudo, já realizaram uma partição das artes e não se dedicaram individualmente a todos os gêneros, mas separaram das demais formas de discurso aquela parte da oratória que diz respeito aos debates públicos dos julgamentos ou das deliberações<sup>29</sup>, deixando ao orador apenas aquele domínio, nestes livros, dado que o tema é objeto de estudo e muita discussão, não irei além do que foi atribuído a tal domínio praticamente pelo consenso dos mais eminentes homens; 23. e retomarei, não determinada ordem de preceitos tomada aos rudimentos de nossa antiga doutrina de meninos<sup>30</sup>, mas aquilo que, como fiquei sabendo certa vez, foi examinado numa discussão de nossos conterrâneos mais eloquentes e proeminentes em todo tipo de distinção. Não é que eu despreze o que os mestres e professores de oratória gregos nos legaram, mas, como tais escritos são acessíveis e estão ao alcance de todos, não podendo, por meio de minha tradução, ser explicados com maior ornato ou expressos com maior clareza, acredito que me concederás a licença, meu irmão, de colocar acima dos gregos a autoridade daqueles a quem nossos conterrâneos concederam a suprema excelência na oratória<sup>31</sup>.

## Referências

- Achard, G. (ed.). *Cicéron. De l'invention*. Paris, Les Belles Lettres, 2002.
- Kumaniecki, K. F. (ed.). *M. Tulli Ciceronis scripta quae manserunt omnia. Fasc. 3: De oratore*. Leipzig, Teubner Verlagsgesellschaft, 1969.
- Leeman, A. D. & Pinkster, H. (com.), *M. Tullius Cicero De oratore libri III—Kommentar*, Band 1. Heidelberg, Carl Winter Universitätsverlag, 1981.
- Levine, Ph. "Cicero and the Literary Dialogue". *The Classical Journal*, Vol. 53, No. 4 (Jan., 1958), pp. 146-151.
- May, J. M. *Trials of Character. The Eloquence of Ciceronian Ethos*. Chapel Hill and London, The University of North Carolina Press, 1988.

---

<sup>29</sup> Os gêneros de causa em questão são o judicial e o deliberativo.

<sup>30</sup> Como acontecera no caso do *De inventione*.

<sup>31</sup> A autoridade das personagens não advém apenas de seu passado glorioso e de sua reputação como grandes oradores do passado, mas dos muitos exemplos de observações técnicas feitas pelas personagens sobre a atuação dos protagonistas em suas causas. Cf., por exemplo, 1.180 (atuação de Crasso na defesa de Mânio Cúrio) e 2.197-203 (atuação de Antônio na célebre defesa de Norbano).

Merklin, H. (ed.). *Cicero. De oratore. Über den Redner*. Stuttgart, Reklam, 2006.

Wirszubski, Ch. "Cicero's *Cum Dignitate Otium*: A Reconsideration". *The Journal of Roman Studies*, Vol. 44 (1954), pp. 1-13.